PLATÃO: A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Coleção CÁTEDRA
coordenada por GABRIELE CORNELLI

• *Platão: A construção do conhecimento*
José Gabriel Trindade Santos

JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS

Platão:
A construção do conhecimento

PAULUS

Direção editorial: *Zolferino Tonon*
Coordenação editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Diagramação: *Ana Lúcia Perfoncio*
Revisão: *Cícera Gabriela Sousa Bezerra*
Cesar Augusto Faustino Junior
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, José Gabriel Trindade
Platão: A construção do conhecimento / José Gabriel Trindade Santos. – São Paulo: Paulus, 2012.
– (Coleção Cátedra)
ISBN 978-85-349-3327-8
1. Filosofia antiga 2. Platão - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

12-07405 CDD-184

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia platônica 184
2. Platão: Filosofia grega antiga 184

Coleção com apoio:

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Cátedra Unesco Archai: sobre as origens do pensamento ocidental – UnB
Estabelecida em 2011

Programa UNITWIN/Cátedras UNESCO

1ª edição, 2012

© PAULUS – 2012
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3327-8

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

PREFÁCIO 9

INTRODUÇÃO

A "construção do conhecimento" nos diálogos platônicos 11

Introdução à leitura dos diálogos platônicos 23

A filosofia nos diálogos "socráticos" 35

A reminiscência 47

A teoria das Formas 59

A teoria das Formas II 73

Síntese sobre a reminiscência: a moldura mítica do *Fedro* 87

Saber e opinião: infalibilidade *vs.* verdade 101

"Ser", no *Sofista* 117

"Não-Ser", no *Sofista* 131

A teocosmologia do *Timeu* 145

CONCLUSÃO 163

REFERÊNCIAS 167

ÍNDICES 171

APRESENTAÇÃO

A *Coleção Cátedra* deriva seu nome da *Cátedra UNESCO Archai: as origens do pensamento ocidental*, que quis emprestar a esta coleção sua filosofia de trabalho e sua sensibilidade para os estudos das origens do pensamento ocidental.

A UNESCO, patrocinando o Grupo Archai como sua Cátedra, e tornando-a membro da rede UNITWIN de *UNESCO Chairs*, reconheceu o impacto científico de suas diversas atividades. De fato, Archai atua há mais de uma década como centro de consolidação de pesquisas, organização de cursos e seminários, e publicação de livros e revistas, com forte atuação em nível nacional e internacional, procurando construir uma abordagem interdisciplinar que permita fazer compreender a filosofia antiga em seu contexto político, econômico, religioso, literário.

Em parceria com a Paulus, editora renomada e de grande alcance no mercado editorial brasileiro, a coleção visa disponibilizar, para um público brasileiro de especialistas e interessados, a cada dia mais amplo e exigente, monografias, comentários, traduções, compêndios e obras temáticas que explorem o vasto campo do pensamento ocidental em suas origens greco-romanas.

Gabriele Cornelli

Diretor da Coleção Cátedra
Coordenador da Cátedra UNESCO Archai
www.archai.unb.br

PREFÁCIO

Esta obra é destinada a ajudar os leitores dos diálogos platônicos a terem percepção do conjunto de problemas e propostas para a sua resolução que garantiu a Platão (427 a.C.–347 a.C.) um lugar permanente na tradição literária e reflexiva designada "filosofia". Seguindo a tradição que remonta a Aristóteles, mas que se tornou sistemática nos últimos dois séculos, esta é mais uma, entre as dezenas de obras que cada novo ano são publicadas em todo o mundo, dedicadas ao estudo da filosofia platônica.

A primeira questão com que a obra se defronta é precisamente a da função desempenhada por aquilo a que se chama "filosofia platônica" na constituição da Filosofia, seja entendida como atividade de pesquisa, como disciplina do saber – ensinada e aprendida na escola –, e, por último, como modo de vida.

Nesse sentido, é possível defender a tese de que Platão foi o primeiro filósofo do Ocidente. Pode lhe ser conferido esse título pelo menos por três razões:

1. por ter sido aquele que em primeiro lugar trabalhou e resolveu os problemas que a tradição veio a considerar "filosóficos";
2. por ter concorrido para o esboço do currículo das disciplinas que viriam a constituir a Filosofia (Lógica, Epistemologia, Ética, Estética, Política, Ontologia, Antropologia);

3. por ter obrigado a comunidade em que viveu a reconhecer a importância da sua atividade como pensador, no seio da Academia da qual foi fundador (387 a.C.).

A obra de Platão pode ser abordada de muitas maneiras. Entre elas se destacam duas: pela leitura, ocasional ou sistemática, de um, de mais ou da totalidade dos diálogos que lhe são atribuídos; ou através das obras dos comentadores que – unificando e sintetizando as temáticas tratadas nos diálogos – conferem ao pensamento do filósofo uma identidade própria.

Centrada na área da "ontoepistemologia", a perspectiva seguida neste trabalho não coincide com nenhuma dessas duas. Como disse acima, partindo do núcleo de questões que os comentadores identificaram com Platão e com o platonismo, esbocei, a partir dos diálogos, uma estrutura problemática, cuja análise e interpretação levei a cabo.

A interpretação proposta visa a explorar algumas das contribuições mais recentes para o estudo do tema, com o intuito de definir os sucessivos programas de pesquisa do conhecimento da realidade apresentados nos diálogos.

José Gabriel Trindade Santos
Lisboa e João Pessoa, 2011.

Introdução
A "CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO" NOS DIÁLOGOS PLATÔNICOS

Ser e saber

Esta obra, dedicada ao estudo do pensamento de Platão, tal como o podemos ver exposto nos diálogos, está focada na temática ontoepistemológica. Quer isto dizer que se debruça sobre o tratamento que as problemáticas do ser e do saber recebem na quase totalidade do *corpus* platônico.

A proposta de interpretação da filosofia platônica aqui apresentada defende que, nos diálogos, Platão se confronta com dois problemas paralelos, herdados da tradição grega, sobretudo de Parmênides. Enquanto, por um lado, aborda o problema da constituição da "realidade" (que conhecemos como "o mundo físico"), por outro, entrega-se à estruturação das "competências cognitivas" ("saber" e "opinião") que tornam possível o conhecimento efetivo daquela.

Para enfrentar esses dois problemas interligados, o filósofo divisa um complexo programa de investigação que se estenderá por toda a sua vida de pesquisador e escritor. A presente obra mostrará que esse programa se acha registrado no conjunto dos diálogos que o consenso dos comentadores articulou em três grupos cronológicos.

Ser e saber na tradição grega: Platão e Parmênides

Encarado hoje, de uma perspectiva histórico-filosófica, esse programa pode ser sintetizado como o da *construção do conheci-*

mento. Com essa expressão, refiro-me ao processo mediante o qual a crítica a que os diálogos submetem as concepções cognitivas correntes na Grécia clássica gradualmentre as vai levar a convergirem na matriz daquilo que hoje entendemos por "conhecimento".

Tal como a generalidade dos pensadores gregos da época, Platão aborda a cognição a partir da sua interpretação do poema de Parmênides, *Da natureza*. Acolhidas por Zenão e Melisso, as teses do Eleata exercem a sua maior influência em dois domínios paralelos: o da cosmologia (sobre Empédocles, Anaxágoras e os Atomistas) e o da epistemologia (sobre os sofistas e os "socráticos").

Platão recebe e critica nos diálogos ambas as vertentes da influência de Parmênides, estendendo a argumentação eleática a toda a filosofia. Ao citar, copiar, imitar, comentar e criticar o filósofo de Eleia, usa os argumentos deste para estruturar as sucessivas versões com que o problema das relações entre ser e saber vai sendo exposto nos diálogos.

"Pensamento" e "ser", no *Da natureza*

No *Da natureza,* o "pensamento" (ou "conhecimento") é encarado como o estado cognitivo que caracteriza o "conhecimento efetivo" de algo. Essa caracterização, sem equivalente na concepção do conhecimento hoje corrente, precisa ser explicada. Dois exemplos simples permitirão captar o seu sentido.

Atente-se ao enunciado "2+2=4". Para quem tiver familiaridade com os termos – "2", "4" – e os conectores – "+", "=" –, a compreensão do sentido do enunciado constitui um caso de "conhecimento efetivo". É por isso que qualquer criança, com um mínimo de escolaridade, *sabe* que "dois mais dois são quatro". O *estado cognitivo* ao qual chega pelo fato de *saber* só lhe é manifesto porque o enunciado que o suscita é *sempre verdadeiro para todas as pessoas* (na verdade, "2+2" e "4" são dois entre infinitos modos de representar a mesma quantidade).

Comparando esse enunciado com outro corrente, por exemplo, "parou de chover", é evidente que este não pode exprimir um conhecimento efetivo, pois as razões que alguém terá para achar que "a chuva parou" podem não ser aceitas por qualquer outra pessoa. É sabido que, em algum momento e em algum lugar do mundo, a chuva está a parar enquanto em outros continua a cair ou não cair.

Mas há outra ordem de diferenças a distinguir os dois enunciados. Enquanto a chuva só pode ser percebida através do uso dos sentidos, a igualdade das duas expressões numéricas é percebida pela inteligência. Qualquer pessoa *vê* que "2+2" e "4" são expressões diferentes. No entanto, a *igualdade* dessas duas expressões, que os sentidos não percebem, é captada pela inteligência.

Isso acontece porque a chuva é um fenômeno físico, que ocorre no mundo exterior à faculdade/processo psíquico designada "pensamento", enquanto a compreensão da igualdade ocorre no íntimo da mente de um sujeito cognitivo.

Parmênides terá sido o primeiro a notar essa diferença, tendo-a explorado na sua concepção do "pensamento". O seu objetivo era, denunciando a duplicidade dos registros cognitivos a que os homens são sujeitos – senso-percepção e pensamento –, mostrar que se distinguiam pelo fato de apenas um deles proporcionar resultados consistentes.

Com essa tese, o Eleata não inventa uma faculdade cognitiva superior, não garante que alguém a possua, nem cria uma realidade inacessível ao comum dos mortais. Limita-se a estipular que todo caso de "pensamento", ao implicar o "conhecimento efetivo" do conhecido, é caracterizado pela infalibilidade. Quer isto apenas dizer que, quando um processo cognitivo não consegue "conhecer" algo, tal como é, então não há aí "pensamento" (ou "conhecimento").

Como consequência, toda informação colhida mediante o exercício da sensibilidade, em circunstâncias análogas às acima referidas, não pode ser encarada como "conhecimento". Pelo

fato de não corresponder à exigência de identidade do conhecimento ao conhecido, é avaliada como inconsistente pelo pensamento.

Esse ensinamento foi reconhecido por todos, nos séculos V-IV a.C., embora tenha gerado reações diferentes em diversos pensadores. Os textos que chegaram até nós dos cosmologistas gregos mostram que todos se apoiaram nele para construírem as suas teorias físicas.

Pelo contrário, apesar de terem recebido a mensagem de Parmênides, os sofistas entregaram-se à exploração dos paradoxos e aporias resultantes da concepção de um "pensamento infalível" expressa no poema. Argumentam com um dilema. Se, por um lado, o pensamento for considerado infalível, a falsidade não existe e a contradição não é possível. Contudo, se, por outro lado, o pensamento não é infalível, o acesso à realidade exterior se mostra impossível.

Pela sua parte, Platão tentou conjugar a aceitação da concepção de conhecimento proposta por Parmênides com o reconhecimento da necessidade de registrar e desarmar os paradoxos que os sofistas dirigiram contra ela. O programa platônico acima referido visa estas duas finalidades.

Os primeiros diálogos, designados "socráticos", abordam de forma sistemática – desenvolvendo um estilo marcado por uma intenção "refutativa" – a temática da "virtude". Todavia, associado à investigação ética, o seu objetivo principal é mostrar que – se o saber é infalível – nenhum conhecimento e ensino consistentes se podem derivar das "humanas opiniões".

Os segundos diálogos – focados no desenvolvimento dos pressupostos cognitivos das teorias "das Formas" (TF) e da "reminiscência" – propõem duas concepções intimamente articuladas:

- de como "é" a realidade, de modo a poder ser conhecida;
- de como "é" o conhecimento, de forma a poder captá-la.

Essas duas linhas de pesquisa inserem-se no contexto de um "dualismo ontoepistemológico". A expressão significa que através das duas modalidades cognitivas definidas por Parmênides – "pensamento" e "opinião" (*doxa*) – os homens captam as duas "realidades" distintas a elas associadas: os mundos "visível" (ou "sensível") e "inteligível".

Os terceiros diálogos, por muitos chamados "críticos", debruçam-se sobre o conjunto de problemas estruturais da TF que, aparentemente aos olhos do próprio Platão, os diálogos "anteriores" não terão conseguido resolver com sucesso. Superando a proposta "dualista" e o infalibilismo cognitivo, a finalidade última da análise desses diálogos é mostrar como uma concepção coerente e consistente da cognição é capaz de adequar o conhecimento do mundo instável construído pela sensibilidade à exigência de estabilidade do "ser".

Plano da obra

Nos dez capítulos em que se acha dividida, a presente obra articula os pontos capitais do programa de pesquisa pelo qual Platão recebe as concepções de "ser" e de "saber" herdadas de Parmênides. Começando por mostrar como podem ser aplicadas, vai gradualmente ensaiando a sua integração nas propostas que avança nos diálogos.

A terminar, os últimos quatro capítulos da obra concentram-se na crítica e inserção das teses mais salientes da herança eleática. A partir dela se formam as concepções de "ser" e de "saber" que Aristóteles e a tradição posterior vieram a reformular como "realidade" e "conhecimento".

Resumo dos tópicos dominantes

Passado o primeiro capítulo, cuja finalidade é apresentar e debater algumas das mais interessantes interpretações atuais da filosofia platônica, é abordado o conjunto dos diálogos chama-

dos "socráticos". Cada um deles representa uma situação dialética em que a personagem Sócrates avalia um interlocutor, cuja pretensão ao saber se exprime através das respostas que dá à pergunta "O que é?" (por exemplo, a justiça, a coragem, a piedade ou a virtude).

Embora se perceba a relevância da componente pedagógica e pessoal do debate, a finalidade programática desses confrontos é denunciar as limitações do saber humano (*Apologia de Sócrates* 23a-b). A dimensão problemática do "conhecimento" fica quase totalmente ofuscada pelo contexto agonístico, conflitual, em que as respostas dos interlocutores de Sócrates são avaliadas pelo estilo dialético praticado pelo condutor do diálogo.

Reminiscência

Do terceiro ao sexto capítulos são abordados os pontos mais fortes da concepção platônica da filosofia: as "teorias" da reminiscência e das Formas. Com a "reminiscência", ou "anamnese", Platão quer mostrar como toda a cognição, em particular a aquisição de informação nova, se inscreve no contexto daquela que já é possuída por aquele que busca conhecimento.

Porventura, a mais imediata e duradoura lição a retirar dessa tese é a denúncia do erro em que se acham quantos se recusam a atender qualquer proposta cognitiva que ultrapasse o nível das opiniões formadas a partir das suas experiências pessoais. Os diálogos insistem em revelar a deficiência cognitiva de um juízo elementar como, por exemplo, "o prazer é bom". Para além da tomada de posição pessoal do falante – a sua "opinião" –, do ponto de vista cognitivo, nada dele se pode aproveitar. Pois os termos usados remetem a conceitos objetivos, insuficientemente compreendidos pelo opinante e de todo irredutíveis às suas impressões. Significa isto que conceitos como os de "prazer" e "bom" têm uma identidade bem definida e uma estrutura própria, que não pode ser reduzida à mera impressão que qualquer um deles terá.

Teoria das Formas (TF)

A hipótese que o filósofo propõe é a de que qualquer conceito exprime discursivamente uma estrutura ontoepistemológica, que denomina "Forma" (ou "ideia": *eidos*), cujo estatuto é difícil de definir. Por exemplo, sempre que alguém afirma algo como "X é bom", esse "predicado", dito de um sensível, representa uma entidade inteligível que não pode ser confundida com aquilo de que é dita, seja por quem for. Consequentemente, nenhum sensível é de modo incondicionado aquilo que alguém diz dele; pois, se agora é isto ou aquilo, não será depois; se é para uns, não será para outros etc.

Reminiscência e Formas

A "reminiscência" deve então ser entendida de dois modos. Em primeiro lugar, exprime a dependência de qualquer captação de um sensível (tanto "a coisa" percebida, como o modo como é percebida) de um episódio cognitivo anterior, constitutivo da mente de todos os cognoscentes. Quer isto dizer que as mentes de todos os humanos – a sua "inteligência" – são estruturadas pelas Formas (há nelas um "Bom", um "Belo", um "Grande" etc.).

Em segundo lugar, dado que todas as mentes (ou "almas") humanas são dotadas dessa mesma estrutura eidética (o todo englobante da totalidade das Formas), todos os indivíduos devem esforçar-se por recordar as Formas, através do exercício da dialética. Primeiro, terão de compreender que é a reminiscência das Formas que lhes permite configurar as impressões percebidas pelos sentidos como "objetos", formados a partir das cópias das Formas; depois, é necessário que levem esse exercício até à plena recordação das Formas, em si mesmas. Só então terão atingido o "estado de saber".

Note-se que, apesar de não haver no Poema qualquer sinal da presença da reminiscência, nesse ponto Platão é inteiramente fiel ao argumento de Parmênides:

– se "o que não é" não pode ser conhecido;
– então, só "o que é" pode ser conhecido;
– logo, "pensar e ser são o mesmo".

Ora, como, para Platão, "o que é" são as Formas, só estas constituem o "ser", cuja recuperação constitui o "saber". Consequentemente, qualquer outra modalidade cognitiva, articulada com a senso-percepção, é desqualificada: seja como "crença" (*doxa:* no sentido de uma "faculdade", ou estado cognitivo), seja como "opinião" (*doxa:* produto do processo discursivo), levadas a cabo sobre a "aparência" (*doxa:* o percebido a partir da sensibilidade).

Dessa estrutura estritamente dualista decorrem dois imensos problemas:

Se só das Formas há saber, para que serve a opinião?

Se todo o saber é (do) inteligível, que conhecimento haverá deste mundo?

A única resposta a essas duas questões será dada pela "filosofia", entendida como "amor ao saber". Não é difícil responder à primeira. É possível preservar a identidade entre saber e Formas, encarando o processo cognitivo desenvolvido pela "crença/opinião" como o caminho para esse estado ideal. Essa é a função reservada à articulação da reminiscência com a prática dialética.

Todavia, a segunda questão não pode ser satisfatoriamente respondida. Mesmo admitindo que algum conhecimento possa haver do sensível, resta determinar como essa tentativa de exploração das aparências instáveis deverá poder conduzir ao saber infalível das Formas. Pois, enquanto as Formas forem "em si e por si" (idênticas a si próprias e sem causa) não poderão admitir qualquer movimento ou mudança.

É então claro que ou a filosofia terá de para sempre ignorar o mundo sensível, ou a noção de 'Forma' – e com ela toda a TF – terá de passar por uma profunda reformulação. Os diálogos mostram que o filósofo optou pela segunda alternativa.

Reformulação da TF

A reformulação da TF, abordada a partir do sétimo capítulo, aponta a via de resolução dessa dificuldade. Para superar as dificuldades acima elencadas, o filósofo é forçado a rever alguns dos princípios em que baseou a TF, tal como ele próprio a expôs nos "segundos diálogos".

A revisão começa por uma discreta análise da competência cognitiva "crença/opinião" (*doxa*) que lhe permita, primeiro, tratar a cognição como um processo e como o resultado a que conduz; depois, caracterizar esse resultado de modo a poder considerá-lo *verdadeiro* ou *falso*. Só depois de essa análise ser levada a bom termo, uma vez definidos os passos que constituem o processo "doxástico", ela poderá ser equacionada com o estado cognitivo infalível denominado "saber".

Distinguindo implicitamente "crença" de "opinião", o *Teeteto* entrega-se à sistematização das operações psíquicas que conduzem de uma à outra. Define, então, uma cadeia de modalidades cognitivas, coberta por termos abrangentes como "reflexão" (*dianoia*), ou "cálculo" (*syllogismos*).

Partindo da senso-percepção, a análise da cognição passa à imaginação, e daí à memória e ao pensamento, para, por fim, chegar à opinião. Esta, porém, distingue-se das operacões mentais que a precedem, por poder ser expressa através do discurso ou "enunciado" (*logos*).

No diálogo, a magnitude das consequências provocadas por essa análise do processo cognitivo não é imediatamente visível, mas é imensa. Com ela, a faculdade denominada "crença" manifesta-se como um processo gradual, no qual as operações mentais acima referidas se articulam, até ao momento em que é atingido um resultado suscetível de ser verbalizado. É naquilo que é dito que consiste a "opinião".

A liberação da opinião da cadeia de operações mentais que a tornam possível visa à neutralização da exigência da concepção em que o saber é entendido como "conhecimento efetivo". A

finalidade da análise é criar condições para a emergência de um sujeito do conhecimento, independente do objeto ao qual aplica as suas faculdades.

No entanto, a tentativa de viabilizar o acesso da opinião ao saber infalível não é coroada de sucesso. Por mais que ensaie diversas combinações das operações a que chegou, a análise platônica continua a não ser capaz de conjugar uma faculdade/processo suscetível de erro – sejam a "crença" ou a "opinião" –, com uma faculdade/estado caracterizada pela infalibilidade.

O insucesso leva o filósofo a abandonar o caminho para o saber, iniciado pela associação da reminiscência às Formas. É aí que a tentativa de modificação do projeto anterior leva Platão a pôr em causa a herança eleática, descartando pressupostos e princípios defendidos direta ou indiretamente por Parmênides.

O primeiro a ser abandonado é o da exigência de identificação do saber com o "conhecimento efetivo" de algo que lhe concede a infalibilidade. O filósofo nunca chega a negá-la explicitamente. Limita-se a renunciar a abordagem cognitivista do saber, para optar por uma estruturação do conhecimento da realidade na tripla perspectiva do ser, do conhecimento e da linguagem.

Com ela, o "monismo" defendido por Parmênides – a ideia do ser como unidade única englobante – é "atomizado" na concepção platônica de uma pluralidade de Formas, cada uma das quais é um "todo uno". Associada a ela, a tese da imobilidade e imutabilidade do ser é rejeitada pela admissão da coexistência da entidade metafísica, denominada "ser", com o mundo sensível, estruturado pela interação das Formas do Movimento e do Repouso.

Por fim, o princípio fundamental em que se apoia a concepção eleática – o da incognoscibilidade do não-ser – é também cancelado, como consequência da reformulação da negativa, a qual, de contrariedade, passa a ser lida como "diferença". Por ela, "ser" e "não-ser" deixam de ser contrários, passando a coexistir na diferença que distingue um do outro. Encarado como "um

outro ser", o "não-ser" torna-se passível de ser captado e conhecido pela pesquisa.

Essa nova abordagem das relações entre "conhecimento" e "ser" consuma a separação da ontologia e da epistemologia. Por um lado, a nova concepção englobante do ser – entendida como totalidade inclusiva de múltiplas unidades existentes em si – permite a articulação da realidade inteligível com a sensível, constituindo ambas como objeto da cognição.

Por outro lado, as diversas operações cognitivas – senso-percepção, memória, imaginação, pensamento – deixam de se achar associadas aos seus domínios estritos: seja a mutabilidade da aparência sensível, seja a identidade da realidade inteligível. Fica então aberto o caminho para a concepção do conhecimento, entendida como relação entre um sujeito cognoscente e um objeto conhecido.

Falta ainda referir a mais relevante das consequências dessa revisão da TF. Agora que Verdade e Falsidade podem coexistir na diversidade das opiniões, é necessário mostrar que se manifestam nos enunciados e não na faculdade que as torna possíveis. Quando, por meio de um processo mental íntimo, alguém emite uma opinião por meio de um enunciado, o que se considera "verdadeiro" ou "falso" não é esse processo mental, mas o enunciado que publicamente o exprime.

Síntese da reformulação da TF

É essa cadeia de inovações que constitui o projeto filosófico ao qual dei o nome de "construção do conhecimento". Partindo da dualidade eleática, que opõe a faculdade/estado, designada como "pensamento", à faculdade/processo "crença/opinião", os diálogos platônicos gradualmente criam uma concepção unitária, articuladora de uma cadeia de operações mentais, que só pode ser entendida como um processo (e não mais como um estado cognitivo).

Onde o saber infalível de uma unidade inteligível se opunha à falibilidade da crença/opinião sobre a diversidade sensível,

Platão desenvolve um projeto de conhecimento unitário da realidade. Esse projeto é possível porque, no termo da evolução das concepções platônicas, o mundo sensível se acha articulado com a estrutura inteligível que serve de matriz à própria cognição.

Foi o sentido dessa evolução que me pareceu importante esclarecer, porque passa despercebida a muitos estudos da filosofia grega. Como a terminologia usada nas traduções dos textos originais oculta os conceitos e teorias criados pelos filósofos, as concepções correntes na Antiguidade, que as inspiram, não são de todo entendidas.

Isso acentece, por exemplo, porque os termos associados ao verbo "conhecer" são hoje usados para traduzir diversas famílias de termos gregos, usadas por poetas e filósofos para significar concepções que muito pouco têm a ver com o nosso "conhecimento". Verbos como *eidenai, gignôskein, epistamai,* cujos significados em Platão ainda não se pode distinguir com clareza, escondem concepções gregas originais, inevitavelmente assimiladas às nossas pelas traduções.

O desconhecimento dessas concepções torna estranhas, muitas vezes de todo incompreensíveis, as teorias que Platão desenvolve para as criticar. No entanto, é dessa tarefa crítica que vem a nascer a tradição na qual se inscreve a concepção atual de "conhecimento".

O objetivo deste pequeno trabalho foi apontar os primeiros passos dessa tradição, dados nos diálogos platônicos. Deve, porém, reconhecer-se que, apesar de as interpretações aqui propostas se inscreverem nessa problemática unitária, é notório que cobrem domínios e áreas da reflexão amplos e diversificados.

Quando Platão se dedica a questões éticas (nos diálogos "socráticos"), políticas (na *República*), mítico-religiosas (no *Fédon,* e no *Fedro*), ou cosmológicas (no *Timeu*), nunca deixa de ter em mente o mesmo programa de pesquisa: estruturar a realidade – aquilo a que chama "ser" – e o conhecimento – a que chama "saber" –, de modo a poderem convergir numa concepção única. É dela que virá a nascer aquilo a que se chamará "conhecimento".